

Franklin Martins



FH: o pior já passou

A tranqüila reação do mercado financeiro à mudança da banda cambial deixou o presidente Fernando Henrique Cardoso muito satisfeito. Para ele, o fato tem um significado mais profundo que o simples reconhecimento dos investidores ao acerto técnico com que foi conduzida a operação pelo Banco Central. É um sintoma de que a economia não está mais indexada ao câmbio, como muitos supunham. O Real, um ano depois de ter vindo ao mundo, teria deixado para trás a fase em que se apoiou quase que exclusivamente na âncora cambial.

A amigos, o presidente alinhou, ontem, argumentos em favor dessa tese: não há mais déficit fiscal, o Brasil vem colocando com facilidade crescente no exterior títulos de médio prazo, o abalo provocado pela crise mexicana foi superado, o Governo mostrou que tem em suas mãos poderosos instrumentos de política monetária e o Congresso já deu demonstrações inequívocas de que está comprometido com as reformas econômicas. Tudo somado, criou-se um clima de confiança que passa a lastrear o programa de estabilização daqui para a frente.

Fernando Henrique aposta que não haverá repique da inflação por conta da introdução da nova banda cambial. Acredita ainda que a mudança produzirá maior equilíbrio na balança comercial, estimulando as exportações e contendo as importações, o que permitiria ao Governo colocar em desuso o mais cedo possível o sistema de cotas de importação de automóveis, que ele mesmo classifica muito antipático.

O essencial, porém, na análise do presidente, é que, com a inflação sob controle e com a frente cambial serenada, o Governo poderá passar a uma segunda fase de implantação do Plano Real, onde o equilíbrio fiscal, hoje obtido à custa de um brutal arrocho dos investimentos na área social, será feito através da mudança do perfil da dívida pública e da diminuição dos gastos da União com pagamento de juros. Trocando em miúdos, será estável e consistente.

A estratégia para atingir esse objetivo, a ser detonada no segundo semestre, passa pela aceleração do programa de privatizações, com a venda da Escelsa, da Light, do Banco Meridional e de empresas estatais petroquímicas, enquanto se prepara uma nova etapa, onde entrarão outros setores como energia elétrica, mineração, portos, aeroportos e rodovias, que exigem o estabelecimento de modelos mais sofisticados.

Uma novidade importante: as chamadas moe-

das podres não serão mais aceitas. Privatização, a partir de agora, só com dinheiro vivo, deixando para trás o que ocorreu nos Governos Collor e Itamar. No primeiro, foram vendidas 15 estatais, por cerca de US\$ 3,5 bilhões. Apenas US\$ 16 milhões desse total foi em dinheiro. No Governo Itamar, essa correlação melhorou: 18 empresas foram vendidas por pouco mais de US\$ 5 bilhões, dos quais cerca de um terço em moeda corrente.

Na estratégia traçada por Fernando Henrique, o dinheiro proveniente das privatizações será carimbado, ou seja, não poderá ser usado ao sabor das conveniências do Governo ou das pressões políticas. Os recursos irão para um Fundo de Estabilização, que será aplicado exclusivamente no resgate de títulos de curto prazo da dívida pública. Simultaneamente a União lançará papéis de médio e longo prazos. Essa ação combinada, na opinião de Fernando Henrique, alongará o perfil da dívida pública e reduzirá significativamente os juros. Sem estar pendurada nos juros, a União terá, então, recursos orçamentários para voltar a investir, especialmente na área social, já que na área de infraestrutura o objetivo continua sendo a atração de capitais privados para um regime de parceria.

Fernando Henrique está confiante que essa estratégia dará certo. Ele diz que o Estado brasileiro não está quebrado. Não tem dinheiro no bolso, mas possui um patrimônio espetacular. Sua dívida não é tão grande como a de outros países, mas está excessivamente concentrada a curto prazo. A concepção traçada para a aceleração do processo de privatizações permitirá resolver essas contradições e o Estado recuperará as condições para jogar um papel ativo onde ele é mais necessário: a área social.

Dentro de uma semana, o Real completa um ano de vida. O Governo pretende comemorar a data em grande estilo. Uma campanha institucional mostrará como o país melhorou com a nova moeda. Ênfase especial será dada às transformações das condições de vida do povo: o desemprego caiu, o poder de compra dos salários aumentou, o consumo aumentou, a moeda deixou de ser fumaça nas mãos do povo. Mas a campanha não vai se limitar a falar do passado. Deverá passar também otimismo com o futuro. Esse é o estado de espírito do presidente.

— No ponto em que estamos, não tem como o Brasil não dar certo — comentou, ontem, Fernando Henrique.

Sua sensação era a de quem deixou os maiores riscos para trás.